

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 2.º

1.º DE OUTUBRO DE 1845.

N. 19.

RIO DE JANEIRO.

A GLOBIA,

MONUMENTO RELIGIOSO.

Sobre o bronco alcantil de alpestre fraga
Pelos tufoes batida, e pelas ondas,
Que incessantes se entonão,
Tu, sentada, qual virgem
Do naufragio escapada,
O mar contempas, do infinito imagem.

(Magalhães.)

Na riba occidental da pittoresca bahia de Nictheroy descortina-se, a alguma distancia das areias do Flamengo na inclyta capital do Brazil, hum monumento sagrado, que a fé, e o culto alli fundára sob a invocação solemne, e augusta de Nossa Senhora da Gloria. Construido por piedoso voto em saliente promontorio, ahi surge campeando; e reverberado pelos liquidos crystaes, onde de continuo se espelha, nelles se compráz de sua propria belleza. A figura regular deste edificio, que tem por baixo huma grande abobada para receber as aguas pluviaes, é hum polygono de oito lados; e com seu geometrico contorno eloquentemente symbolisa na regularidade de suas formas a obra maravilhosa do Geometra Eterno delineando as perfeições do Origi-

nal, a quem o zelo, e piedade christã erigira altares no templo, que commemoramos.

E' a Gloria hum sitio ameno; e aquelle que procura allivio aos enojos d'alma, remontando ao atrio, e soltando aos olhos horizontal adejo até aos pináculos, que culminão a cordilheira dos Orgãos, adoça o amargor d'ingrata melancolia.

Do Belvédere da Gloria goza-se huma extensa, e formosissima prespectiva; descortina-se toda a entrada da magestosa bahia com as altas montanhas, que a cortejão; avista-se huma grande parte da cidade, a quem circundão collinas realçando a paisagem; e descobre-se em fim a interessante cidade de Nictheroy na margem oriental da bahia, que lhe presta o nome, e cujas aguas se disfructão em toda a sua extensão esmaltadas de formosas ilhas.

O templo da Gloria será tambem hum eterno padrão da saudade Brasileira! Alli entrava fervorosa, qual a candida pomba na arca de salvação, a primeira Imperatriz do Brazil, para sempre lacrymada da posteridade. Alli prostrada ao pé dos altares rendia no ardor da fé seus votos tão puros como sua alma pura; e sendo abençoada do Céu, deo á luz em 1819 a augusta filha primogenita, consagrando-a á celeste advogada, cuja invocação, qual a da Gloria, pôz por sobrenome àquella que a Providencia conserva no throno dos Césares Lusitanos onde impéra com os Braços invenciveis de Ourique entre os timbres heroicos de Bragança.

Os redactores do RECREADOR MINEIRO tem a satisfação de offerecer a seus assignantes a subsecente gravura reunida a esta commemoração litteraria, trasladando duplicadamente por este modo o objecto, que descreverão.



VISTA DE N. S. DA GLORIA E DA BARRA DO RIO DE JANEIRO

Cherrot G

ALGUNS MONUMENTOS DA PIEDADE MINEIRA.



A interessante noticia, cuja primeira parte publicamos abaixo, reservando a outra para o numero immediato, é [por deferencia do seu autor] copiada dos escriptos ineditos de hum estrangeiro illustrado, que, viajando recentemente nesta provincia, visitou algumas das nossas fundações religiosas com este espirito de observação e sã philosophia, favoravel á crença catholica e animadora da veneração devida ás santas instituições que as sustentão e propagaõ. Lisongeamo-nos de que serã lidos com prazer os dous artigos, tanto pela parte descriptiva, como pelas reflexões.

A SERRA DO CARAÇA.

[em Agosto de 1844.]

O meu objecto aqui não é fazer huma descripção topographica, ou geologica, desta montanha; e ainda menos considerá-la em relação á mineralogia, e á botânica: levo só em vista, na parte descriptiva, assignalar a localidade, e mais circumstancias notaveis da habitação dos congregados, aqui estabelecidos: e na parte historica, referir o extraordinario modo da fundação do Sanctuario, e casa, e o estabelecimento, não menos extraordinario, e successos posteriores desta comunidade religiosa, que tem já tido grande influencia e a poderá ter muito maior, nos progressos intellectuaes e moraes desta importantissima parte do povo brasileiro. Limitar-me-hei, portanto, ao que é comprehendido nestas relações.

SITUAÇÃO.

A Serra do Caraça é huma elevada montanha de figura irregular, cortada quasi verticalmente pelo sul, oriente, e norte, e separada por estes lados do systema geral dos montes da provincia: pelo outro lado é ligada ao mesmo systema, por huma continuidade de montanhas mais ou menos consideraveis. A parte mais elevada é hum circuito de suunidades graniticas, formando para o interior huma cavidade profunda de pouco mais ou menos, huma legua de diametro; e a qual foi evidentemente, em tempos muito remotos, a cra-

téra de hum volcão enorme, cujas lavas ferruginosas, denominadas vulgarmente "Caagal", revestem a superficie de grande parte do paiz circumvizinho. O centro da cavidade, aonde está edificada a casa e Sanctuario, dista do Ouro Preto, capital civil da provincia, oito leguas em direcção recta de norte a sul. É accessivel por diversas partes, das quaes a mais praticavel é a de Catas-Altas, que dá a vista pelo lado do norte, torneando a summitade mais proeminente. As povoações principaes, que a circumdão, são os arraiaes do Inficionado, Catas-Altas, e Brumado: o segundo na distancia de quatro leguas da casa da congregação, e os outros a mais de duas leguas por caminhos menos transitaveis. Estas povoações florescerão em tempos anteriores pela mineração: e, suposto estejam decadentes neste ramo da industria, poderião ter grande melhoramento, empregando na sua continuação e na agricultura, processos mais economicos e aperfeiçoados.

Na parede oriental da hancja forma se, desde a mais alta proeminencia, hum arroio que, depois de se despenhar em huma catarata notavelmente pittoresca, passa remansado á vista e a pequena distancia do edificio; atravessa a outra parte da cavidade: penetra por huma abertura subterranea, á qual por este motivo se dá o nome de "Sumidouro"; e tendo

recollido as aguas das vertentes interiores de hum e outro lado, precipita-se pelas immedições do Brunado; vai engrossar o — São João — no arraial da Barra, e com este o caudaloso Rio Doce.

O terreno é aurifero mas talvez insufficiente para huma mineração lucrativa segundo as explorações feitas; porem, como para compensar esta falta, abundão as cantarias de excellent qualidade, mesmo no local do edificio.

A vegetação é pouco animada, e falleceu absolutamente as madeiras de construcção. Em quanto a producções alimentares, a julgar-se por algumas gramineas e leguminosas, arvores fructíferas, e de horticultura europeas, alli vantajosamente cultivadas, não duvido de que, adoptando se hum systema rural apropriado, se poderia cultivar com utilidade grande parte das producções do antigo continente. Entre as arvores nota-se huma oliveira já corpulenta e viçosa.

Os ares e as aguas são de excellencia proverbial. A agua potavel de que se usa na casa dos congregados, salida de huma rocha viva contigua ao edificio é de huma delicadeza e frescura especial; e faz-se tambem notavel por sua prodigiosa efficacia na acção digestiva. Huma torrente superior ao edificio, depois de formar hum lago em hum lugar aprasivel pela mistura de bosques e de collinas coroadas de pedanços graniticos, lago formado artificialmente por huma oclusa, e destinado ao recreio e á creação de peixes, serve de motor aos moinhos. A huma moilina dentro da cozinha, e para os outros usos ordinarios da casa.

TRADIÇÕES SOBRE A DENOMINAÇÃO E FUNDADOR — HISTORIA DA FUNDAÇÃO.

Nas tradições dos povos vizinhos, e mesmo dos habitantes da serra, da-se duas origens diversas á denominação "Caraca" — uns dizem, que foi tirada de huma parte da montanha, que tem a forma do rosto humano; nias ninguem assignala essa localidade nem o ponto d'onde deve ser ellada para apresentar a pretendida figura: outros dizem, que nos primeiros tempos do povoamento dos territorios circumvizinhos, hum famoso malleitor, de physionomia horrivel habitava com outros bandidos naquelles lugares, donde assaltava os estabelecimentos proximos; e que ao meaciona

do chefe de salteadores se dera o nome "Caraca", depois transmittido ao lugar da sua guarida. Esta versao he tanto mais plausivel; quanto he frequente em todo o Brazil, e nesta provincia especialmente, a denominação dos lugares, tirada dos nomes, e alcunhas dos primeiros habitadores.

Seja, porem, qual for a origem do nome, he certo, que antes de ser occupada pelo fundador do convento, a serra, já por elle conhecida, era toda devoluta e deshabitada. Eis o que a tradição refere a este respeito:

Nos tempos subsequentes ao attentado, que teve lugar em Lisboa contra a pessoa d'El rei D. José, os caçadores, e exploradores de mineração, que subião a serra do Caraca, davão noticia de hum solitario, que vivia em huma gruta natural, separado de toda a communicação humana; e soube-se depois, que era pessoa de origem nobre, parente, ou pelo menos muito relacionado e intimo da infeliz familia Tavora, implicado e condemnado no terrivel processo, que exterminou aquella casa feudal e a mais poderosa do Reino; que ahi quitou a influencia da nobreza; diffundio o espanto por toda a monarchia, e seus dominios, e estabeleceu em bases inalteraveis a dominação omnipotente do ministro d'aquelle rei, o famoso marquez de Pombal, conde de Oeiras. Aquelle perseguido, que havia podido escapar ás pesquisas da activissima policia do ministro, disfarcado em habitos, e profissao de homem da plebe embarcou-se para o Brazil; pôde atravessar duas provincias d'este vasto paiz; e veio habitar na forma já dita, as brechas e penedias desta montanha, e tão absolutamente desertas, o por sua esterilidade isentas de visitas muito frequentes dos exploradores.

Depois da morte do rei D. José, o destituição do ministro, principiou o solitario a communicar-se com os povos circumvizinhos, para o fim que os seus actos ulteriores patentearão.

Ató aqui a tradição: pessoas vivas que presenciaram os factos, e alguns documentos existentes attestão o que se segue.

O solitario communicou a algumas pessoas influentes das immedições o piedoso projecto de edificar alli huma igreja, e convento debaixo da invocação da Senhora Mai dos homens; e o levou a effeito, já com os donativos que alcançou da piedade

dos fiéis, já, segundo a opinião geral, com algum dinheiro que trouxera consigo de Lisboa. Desde esta epocha se constituiu ermitão do templo; e allí continuou a viver conhecido pelo nome de "irmão Loureiro" dormindo na mesma gruta, e conservando os mesmos habitos de retiro e devoção, só interrompidos pelas peregrinações para recolher novas esmollas, com que augmentasse, e conservasse o edificio. Estes habitos atrahirão-lhe grande veneração dos povos, que o consideravão como pessoa dedicada ao serviço de Deos, e ao bem da humanidade.

Pelos mesmos tempos pediu em sesmaria toda a cavidade e vertentes da montanha. Depois esforçou-se para obter do governo ordem para o edificio ser habitado por huma comunidade que podesse evangelizar e educar a mocidade nesta provincia; mas não podendo conseguir este objecto de seus ardentes votos, este piedoso e patriótico fim de tantos trabalhos, fez testamento em que instituiu o rei D. João 6.º por herdeiro; sem duvida no intuito de conseguir depois da morte, o que em vida não podéra alcançar. Feitas estas disposições, terminou huma existencia semelhante á dos solitarios dos primeiros seculos do christianismo; mas com a differença, de reunir aos habitos asceticos, á pobreza e humildade evangelicas, ao trabalho braçal incessante daquelles antigos eremitas, vistas de utilidade directa, espirital e temporal, do paiz que adoptára por patria. O seu corpo está sepultado no atrio, que circunda interiormente o templo. O seu retrato, em busto grande, collocado na sala da portaria mostra huma physionomia distincta, na qual, a par dos effeitos de huma penitencia habitual e prolongada, se manifestão a capacidade intellectual, a energia de character, e a perseverança. Os vestidos, erão pobres, usados e proprios de hum humilde anachoreta: hum velho e desbotado chapéo de palha, debaixo do braço, e hum tosco bastão são os seus maiores atavios.

ESTABELECIMENTO DA CONGREGAÇÃO.

Se o modo porque foi fundado o Santuario e o convento, pode já indizir, que hoete nelle alguma coisa de extraor-

dinario, as circumstancias do estabelecimento da congregação dao lugar a crer, que toda a successão dos factos foi determinada por hum visivel desiguiu da Providencia.

Quando o testamento do irmão Loureiro havia chegado ao poder de D. Joao 6.º, no Rio de Janeiro, havia tambem desembarcado naquella cidade o actual venerando Prelado de Marianna, e outros companheiros da congregação da Missao, mandados vir pelo governo para huma das provincias remotas; mas, tendo cessado a necessidade do seu ministerio naquelles lugares mais longinquos, o Rei lhes doou a casa e territorio do Caraça; e allí os mandou residir. Aquelles respeitaveis sacerdotes, firis ao espirito do seu instituto, eniderão em augmentar as construcções, elevarão a casa a capitular; fundarão outras duas, admittilho novos congregados; erigirão successivamente tres collegios de educação; fizeram missões; mantiverão e desenvolverão o espirito de piedade nos povos; e instruirão huma numerosa mocidade, da qual sahio grande parte das capacidades desta provincia, que figurão na administração provincial e geral. A localidade do Caraça, lóra de todo o contacto da corrupção das pevoações, e a salubridade do ar [circumstancias essenciaes para huma boa casa de educação], concorrêrao muito para estes resultados; e tanto neste ramo, como na evangelização, serião muito mais auctos, se huma circumstancia lamentavel n.o tivesse obstado.

No codigo penal deste paiz ha huma singularidade que não pode ser explicada senão pelo espirito da epocha em que foi feito, reactivo contra as instituições monasticas, e ainda mais contra qualquer dependencia do exterior: prohibe-se ás corporações religiosas, o dar obediencia a superior residente fora do paiz. Esta medida obrigou os congregados a absterem-se da communicação com o Gera!; e esta parte da congregação, como ramo cofado do tronco ficou em difinhamento. Não se pôde manter o noviciado, nem o magisterio; o collegio da serra foi extinto; as missões cessarão; e a congregação perecerá infallivelmente, se não for derogada a disposição penal.

Na America meridional, não podem por ora subsistir instituições semelhantes, separadas dos seus centros no mundo antigo. A escassez da população, a facilidade das subsistencias, a fascinação da politica, suas exigencias de pessoal; e facil accesso por esse caminho ás altas funcções da autoridade afastarão por muito, de huma profissão toda de sacrificios e desapego das glorias e interesses temporaes, os moços que em outros tempos e em circumstancias diversas tomariam aquelle destino. A querer-se, pois, conservar este meio de moralisação e instrucção popular é indispensavel durante este concuiso de obtaçoes, recorrer á Europa, na renovação do pessoal das congregações.

(Concluir-se-ha)

RECEITA PARA OS MELANCOLICOS.

A *juvinalidade* é tão preferivel á *tristeza*, como é o dia á noite; e a differença entre hum homem *alegre*, e outro *melancolico*, tão evidente que para os distinguir hum do outro basta simplesmente olhar-lhe para a cara: nella se observão effeitos tão oppostos, symptomas tão diversos, tão sensiveis differenças, que sem ser necessario recorrer a exames profundos, e escriptulosos, por ella se julga com segurança, do verdadeiro estado das suas almas.

O homem *triste*, sempre está extasiado, pensativo, e carrancudo: os seus amortecidos olhos, como que estão fatigados de chorar a perda irreparavel de tudo quanto possuia: o seu pallido semblante é hum copioso indice dos maiores infortunios, nem parece, senão que a cada momento espera a iniausta noticia da morte universal de todos os seus parentes, conhecidos, amigos, e conhecidos.

Pelo contrario, o homem jovial, sempre tem o semblante risonho: nos seus olhos brilha huma constante alegria, como se cada venturoso momento da sua vida fosse immediatamente seguido de huma nova prosperidade: a sua companhia em toda a parte é desejada por que a sua presença, e expressões como que con-

municão á sociedade parte do prazer que inunda a sua alma.

E com effeito, se naturalmente ha immensos motivos de entristecer-nos, tambem a mesma natureza nos offerece infinitos meios de nos alegrarmos; de maneira que se o homem despreza estes, entregando-se exclusivamente áquelles, o defeito só a elle deve imputar-se. E' verdade que alguns escandecidos philosophos tem dito, que não havia cousa mais natural ao homem, que a *tristeza*; e para darem a razão, não se atrevendo a attribuir este defeito á Providencia, recorrêrão á *fabula*; dizendo, que esta triste condição do homem procedia de que *Prometheo*, para produzir o seu chefe d'obra, amassára com lagrimas o barro, de que o formou. Forte asneira...! Pois se a terra, segundo os mesmos philosophos, já nesse tempo estava guarnecida de rios, e infinitos regatos, que precisão havia de recorrer a hum meio tão difficil, e extraordinario...? Se a concorrência de *liquido* era indispensavel para aquella formação, muito mais verosimil ficava dizerem os referidos philosophos que *Prometheo* se servira delle, de muitas; e diferentes especies, v. g. de *sangue*, para formar hum *tyranno*, hum *usurario*, hum *aváro*, hum *assassino*, etc. etc; de *vinho*, para formar hum *bebado* de *vinagre*, para hum *colérico*: e de *agoa morna*, para os *pusulamines*: etc. etc. Neste caso ainda haveria quem os acreditasse, porém de lagrimas, ainda não julgo sufficiente a credulidade dos *Sebastianistas*. E demais, aonde foi *Prometheo* buscar tantas lagrimas...? Erão suas, e dos outros deoses? E' possível que tanto chorassem huns deoses que segundo a mesma fabula, vivião tanto a seu commodo, que até os que erão casados tinham substitutos, que os ajudavão nos trabalhos domesticos, e os aliviavão no governo da casa...! Os homens, continuão os nossos philosophos, vem ao mundo chorando, (*sim senhor*) e isto é prova evidente, que a *tristeza* lhes é

natural: (*não senhor*) Nego ainda; não o effeito, mas a causa. Se o recém-nascido chora, é porque vindo de hum lugar quente, se lhe faz sensível o ar frio, a que não estava acostumado, e porque o molesta o tacto das mãos, e roupas, não tendo sido antes tocado por corpo algum sólido. Esta é a verdadeira causa daquelle effeito; mas não é esta a resposta que merece a asserção dos sobreditos philosophos, mas sim, que se o homem chora quando vem ao mundo, é por se affigir de não ter vindo mais cedo. Hum individuo, privado ainda de raciocinio, e de intelligencia, não o póde obrigar huma causa moral, e ainda mesmo quando fosse dotado já daquelles predicados, nunca se affigiria por começar a viver porque a peor situação das cousas que tem ser, diz hum celebrado sabio, vale mais, que não existir absolutamente.

Em vez de nos regularmos pelo machinal procedimento do recém-nascido, que carecendo ainda de razão nada póde obrar por escolha, e discernimento; examinemos antes as suas acções em humidade mais avançada, quando no crepusculo da razão, as suas idéas principião a desenvolver-se; e então vereinos que toda a sua inclinação, e empenho é divertir-se, fugindo da tristeza, como seu inimigo capital, e que a falta de alimento, lhe é menos sensível, que a perda, ainda que momentanea, do mais insignificante objecto do seu pueril divertimento.

Ainda prescindindo deste exame, ha infinitos outros motivos, que nos induzem a crer, que a alegria convém naturalmente ao homem. Desta verdade estava bem persuadido aquelle atilado sabio, quando definindo o homem, disse, que era hum animal risivel. E com effeito, o riso lhe é tão natural, e proprio, que nenhum outro animal ri como elle, ao mesmo tempo que em chorar ha muitos que o imitão: os crocodilos chorão; os veados chorão tambem; e

alem destes, outros de que fazem menção os naturalistas; porem o riso é hum dos attributos da razão, e a acção de rir, reservada exclusivamente ao homem. Os diversos motivos de hum justo riso, só podem ser conhecidos por huma alma dotada do raciocinio, e intelligencia. E' verdade que os brutos dão tambem signaes de prazer; porem estas demonstrações são em hum grão muito inferior, porque a sua irracionalidade desconhece a delicadeza das cousas, que produzem aquelle effeito: e de mais, os seus órgãos externos não estão dispostos com a configuração conveniente para manifestar os sentimentos de alegria, ao mesmo tempo que o rosto delicado do homem é tao proprio para este fim, que a menor alteração que nelle se observa, do logo a conhecer a sua satisfação e prazer. E com quanta maior vantagem se nao manifesta ella, quando excitando-se o riso em hum, apezar de ser desconhecido o motivo, por força de sympathia, obriga a rir ainda a s mais serios...! No bello sexo, hum ligeiro sorriso nos causa prazer, e amor; os seus olhos brilhão então de hum fogo mais puro que o das estrelas: nas suas faces se formão pequenas cavidades, onde os poetas collocão o filho de *Venus* entre os *lyrios*, e as *rosas*: se a vehemencia do riso obriga a abrir a boca a huma formosa donzella, alli se nos patentêão; a travéz de duas barreiras de coral, em duas ordens de finas perolas, os mais preciosos thesouros do oriente. E á vista disto, póde-se condemnar o riso, que descobre tão lindas cousas...? E não se deve fazer hum alto apelo da jovialidade, que o produz...? Dizem mais os *melancolicos*, que mesmo naturalmente, somos mais inclinados a chorar do que a rir, e que o mais que se póde conceder, é huma propensão igual para qualquer destas duas cousas; porem nós não podemos, com justiça, concordar com elles. E' certo que o homem é igualmente proprio para ambos estes effeitos

nas nenhuma razão ha para se entrezar ao prejudicial, evitando o mais agradável, e ao mesmo tempo o mais util.

Para mostrar que a intenção da Natureza, foi conservar nos em huma situação alegre e jovial, consideremos hum pouco como para ella contribue todo o creado: A face dos céos, e da terra, ornada de tantas, e tão bellas diversidades não são objectos assaz delectáveis? O *sol*, este admiravel, e brilhante astro, não causa elle prazer aos dous hemisphérios, affugentando com a sua presença a tenebrosa melancolia, tão facilmente como dissipa as mais densas nuvens? As estrellas, com o seu tremulo movimento, e vibrações, não parece estarem rindo, brilhando no centro da escuridão. Frequentemente nos dizem os poetas, que os mesmos prados nem. E com effeito, a belleza, e diversidade das muitas flores que os esmaltão: o agradável, e suave murmuro das chrystallinas aguas que os regão: a melodia, e harmoniosa canto das differentes aves que os habitão, produzem no observador sensivel hum transporte encantador, e os mesmos effeitos que o riso. A diversidade das arvores, flores, frutos, e animaes, nos causa prazer, não so pelo seu aspecto, mas pela utilidade que nos resulta. Nesta propensão natural de cada hum procurar o que lhe é mais agradável, se os primeiros homens se decidirão a construir casas, humas junto das outras, fundar aldéas, villas, e cidades, não foi outro o fim, senão para melhor se auxiliarem hums aos outros, procurando pela união hum mutuo prazer, para assim conservar melhor a sua alegria natural.

Vemos tambem, que os mais sabios legisladores tem estabelecido certas ceremonias para o oulto do Ente-Supremo, acompanhadas de sonôros cantigos, hymnos harmoniosos, cuja melodia não só delecta, mas transporta a alma; e que os dias, particularmente destinados a tão sagrado fim, são mais dias de prazer, que de

tristeza; tanto assim, que o nome de festa que se lhes dá, passa entre os povos civilisados por hum synonymo de alegria.

Na milieia, a musica tem sempre o usado prodigiosos effeitos no animo do soldado, e para o animar, é que foi introduzida na guerra, onde a *melancolia* causaria no combatente hum abatimento de espirito summamente prejudicial, pois que o verdadeiro valor é sempre acompanhado de alegria, e esta sempre foi hum seguro presagio da vitoria.

Finalmente para desterrar a *melancolia*, e até mesmo para a olharmos com horror, basta lembrar-nos, que ella é inseparavel dos *ambiciosos*, dos *avaros*, dos *invejosos*, dos *traidores*, e dos *assassinos*. E quem quererá assimelhar-se a estes monstros, que deshonrão a natureza? Não, não commettamos hum crime, que offende o céu, e a terra; nem nos deixemos a poderar da negra *melancolia*, que alem de nos roubar a saude, e de nos fazer parecer culpados, apezar de innocentes, causa de mais a mais, hum gravissimo prejuizo, que lhe é inherente; isto é, de nos obrigar a pensar em malevolencias, e attentados, cuja simples idéa faz estremeoer de horror. Talvez que os sectarios carrancudos, tragão aqui, como forte argumento, que ninguem pôde absolutamente isemtpar-se de receber sinistras impressões, infaustos accidentes, que são outros tantos motivos de *melancolia*; porem alem de possuir cada hum em si proprio, isto é, na sua reflexão, bastantes motivos de consolar-se, respondo, que isso seria melo caminho se as pessoas sujeitas a *melancolia* sómente se affigissem quando para ella concorresse motivo justificado, porem doagradadamente, com o temor, e a desconfiança, ellas previnem os males, e os fazem durar por meio de huma atormentadora memoria.

Tudo para o *melancolico* são motivos de afflicção e desgosto.

Se é pobre, afflige-se por lhe não ser possível fazer parar a incontrastavel roda da fortuna, quando furiosamente desanda; sem se lembrar, que huma só gota de chuva não cahe sobre a terra, sem que a Providencia a destine para o lugar que convem; e que o oceano não sobe na sua furiosa intumescencia, nem ouza descer na sua rapida vasante, senão quando o autor da natureza nas suas leis o declara. E como tudo depende deste principio, póde, de hum a outro momento, ter infinitos motivos de regosijar-se; e então na mudança de circumstancias encontrará hum prazer duplicado; por quanto ninguem póde tomar gosto aos bens de que goza, sem primeiro haver provado os males de que se acha livre.

Se não é pobre, afflige-se de ter *invejados*; mas deveria poupar-se a este desgosto, lembrando-se, que a *inveja* é huma serpente, que não se arrasta pela terra como as outras, sempre olha para cima, e não para baixo; e que como é parto dos abyssos tenebrosos, tudo o que brilha lhe offende os olhos. De maneira que em vez de affligir-se deve antes alegrar-se por possuir predicados, que aos outros causão inveja.

Se tem negocio, e pretensões, afflige-se de viver de todos dependente; mas se bem reflectisse, veria que se do mundo se tirasse a *dependencia*, tudo parava de repente: cessava o commercio; perdia-se a agricultura; e não se cultivavão as artes. Sem *dependencia*, não haveria sujeição, e sem esta não haveria superioridade, nem ordem, nem leis: sem *dependencia*, todos os homens seriam iguaes, e cada hum delles hum soberano: O ocio seria o seu imperio: a inaction, a sua vida: e hum torpe e hargo abalaria a sua existencia. De sorte que bem feitas as contas, o *melancolico*, por este principio, só teria justissima razão de affligir-se, se no mundo não houvesse *dependencia*.

Afflige-se de haver feito bem a ingra-

to; mas deve lembrar-se, que se a Providencia só fizera bem a agradecidos, rarissimas vezes abria os seus thesouros.

Não só o mortifica o que simplesmente lhe diz respeito, mas tambem o que aos outros acontece. Afflige-se, a vez que fazendo hums, o mesmo, e talvez mais do que outros fazem, comtudo estes prosperão, e excedem aquelles em ventura; mas deve lembrar-se, que esta desigualdade que o mortifica, data de seculos muy remotos, havendo somente a differença de se haver, com o tempo, aperfeiçoado. E de mais, a mesma medicina, que a hums livra da cova, a outros mette nella.

Não pode levar á paciencia, que ao *milionario soberbo*, e *inhumano*, se fação mais applausos, que ao *pobre honrado*, e *virtuoso*; mas já deveria saber por experiencia, que a *honra*, a *virtude*, a *fama*, e a *reputação*, sem *cabedal*, tudo se reputa no mundo, como fumo, e se fosse possível, menos que *nada*, achando-se incluídas todas aquellas virtudes no *dinheiro*, como *bem real*, que com as mãos se apalpa; e por isso, o homem rico é *feliz*, é *nobre*, é *valente*, é *sábio*, é *honrado*, é *entendido*, e *judicioso*; ainda que realmente *nada disto seja*.

Em huma palavra, para viver com satisfação é necessario: 1.º — Deixar que a Providencia obre a nosso respeito como entender; que seguramente entende melhor do que nós.

2.º — Fazer justamente o contrario do que fazem os melancolicos.

3.º — Viver com o seu semelhante, gozando os prazeres innocentes da sociedade, que o *melancolico* tão cuidadosamente evita, para se sepultar vivo na solidão, onde o seu alimento é temperado sempre com soluços, e lagrimas.

4.º — Desistir de sondar o futuro, corrigir os erros *preteritos*, e formar, com resolução, hum firme proposito de viver sempre alegre no *presente*, não se embarçando com bagatelas: não constru-

indo castellos aereos: nao fazendo, nem acreditando prognosticos, alem dos crescentes, e minguentes da lua.

Se esta receita senão der bem com a natureza do *melancolico*, talvez que o viajar lhe seja mais analogo, e proveitoso. E como as muitas curiosidades que ha no reino do *Amor*, são mui proprias para distrahir, se as suas circunstancias o permittirem, póde tentar este gyto; para o que eis-aqui a sua descripção geographica:

Descripção geographica do reino do Amor.

O reino do *Amor* confina com o paiz da *Sensibilidade*. As suas muitas raridades, fazem com que milhares, e milhares de *curiosos* alli estejam chegando continuamente de todas as partes da terra. Os seus habitantes são activos, e industriosos, e entre elles faz grande progresso o commercio, que todo consiste em objectos de *importação*.

No. reino do *Amor*, é desconhecido o uso das *letras*, e por isso toda a transacção é concluida com o *dinheiro á vista*. Os seus portos de mar, são muitos, e mui frequentados por todas as nações do mundo, com as quaes se faz hum excessivo *contrabando*, por meio de habéis e intelligentes *correctores*, capazes de illudir a mais vigilante policia.

O terreno é fertil, não obstante ser, em partes, montanhoso.

O clima, em geral, é sadio; mas devem se evitar *certos excessos*, e com especialidade o ar da noite.

E' sumamente agradável viajar por este paiz quando se conhece com perfeição a sua geographia, sem a qual é mui facil desencaminhar-se o viajante, por causa dos *ruins transitos*, e de alguns *passos* diffeis, que não é possivel evitar.

Tendo dado huma, posto que limitada idéa do *reino do Amor*, resta indicar o roteiro, que de ordinario costuma seguir-se. Digo de ordinario, por

que ha muitos viajantes, que visitando este paiz, são tão inimigos de *rodeios*, que deixão a *estrada real*, preferindo-lhe os *atalhos*; e como estes no reino do *Amor*, quasi sempre são perigosos, para não faltarem as necessarias advertencias, eis-aqui o seu verdadeiro *itinerario*:

Itinerario do reino do Amor, com hum breve descripção topographica das suas principaes cidades, villas, e aldeas.

Logo que se chega às fronteiras de *Sensibilidade*, a primeira cousa que se encontra, entrando no reino do *Amor*, é a grande planicie de *Galentear*, na qual ha constantemente huma *feira franca*, onde se achão com abundancia as melhores *finças*; *obsequios* sorteados, *excessos* de todo o lote, *superfinas perfeições* exageradas, *merecimentos affectados*, *desprezos apparentes*, *solemnes juramentos*, etc etc; porem como alguns destes *generos* são para alli conduzidos por agua, muitas vezes *sahem avariados*.

Tendo atravessado esta vasta *planicie*, e no fim della, acha-se a *estrada real*, que conduz a *Bella assemblea*, primeira cidade do reino, com hum espaço ao porto de mar, e huma famigerada universidade onde ha os melhores professores de *banca*, *ronda*, *marimbo*, *wal-sa*, *galopada* e outras sciencias igualmente uteis, que concorrem para o progresso, e boa educação da mocidade.

A meia jornada de *Bella assemblea*, hum pouco desviado da *estrada real*, ha huma boa estalagem, chamada *Olhar terno*, aonde, de ordinario, se bebe hum excelente vinho, porem tão doce, que escandece, em vez de refrigerar.

De *Olhar terno*, vai-se a *Entrevista*, villa assas agradável pelas curiosidades, que contem.

De *Entrevista*, vai-se a *Paizão decla*

valla, villa assaz populosa, cujos habitantes são de tal maneira *defluzionarios*, que apenas se percebe o que dizem; tanto assim, que para se explicarem, muitas vezes se contentão de *pizar o pé, ou apertar a mão*, acompanhando estas acções com hum certo *volver de olhos*, e hum *pantomima* tão eignificativa, que tira toda a equivocação a respeito do que pretendem dizer.

De *Paizão declarada*, vai-se a *Visita*, lugar pouco agradável, não só pelo seu local, e pelas muitas formalidades que exigem os seus habitantes, mas tambem em razão dos máos commodos das estalagens, onde se não pode pernoitar, por falta de camas, havendo apenas algumas cadeiras.

De *Visita*, vai-se a *Suspiros*, pequena aldêa situada entre montanhas todas cobertas de *moinhos de vento*.

Logo á salida de *Suspiros*, encontra-se hum rio caudaloso, chamado *Condendencia*, o qual se pode evitar, tomando a estrada de *Cautéla*, que não obstante rodear-se algum tanto, os mais prudentes prefêrem este caminho, pela sua *segurança*. Cointudo, os que querem viajar sem demora por aquelle paiz, atravessão o rio, e chegão mais depressa a *Cuidados*, villa grande, populosa, e mui frequentada, por ficar na estrada real, que conduz a *Arrependimento*, cidade maritima, com huma celebrada fabrica onde se renova o fato usado, e se lhe tirão as *nodoas* com tanta perfeição, que fica como novo.

De *Cuidados*, vai-se a *Ciumes*, villa assaz grande, situada na encosta de hum monte, em cujo cúme ha huma pequena fortaleza, que serve de presidio para os *degrados*.

O viajante deve calcular de maneira a sua jornada, que lhe não seja necessario pernoitar, nem mesmo demorar-se nesta villa, não só pela grande falta de commodidades que nella encontrará, mas tambem porque as suas aguas tem a singularidade de causar certas molestias;

a *huns tira a vista*, a outros *excita terror*, a outros *causa loucura*, etc etc. conforme o tempo, e a *quantidade* que della se bebe. Em huma palavra, nada ha mais feio que os *arabaldes* desta villa, nem mais desprezível, e fastidioso, que os costumes dos seus habitantes.

De *Ciumes*, vai-se a *Protestações*, aldêa pouco distante, cujos habitantes são mui *liberaes*, porem tem hum grande defeito; não proferem hum só palavra sem ser acompanhada de juramentos horribéis, para autorisar a sua boa fé. Assim mesmo, não se deve acreditar tudo o que dizem.

De *Protestações*, deixando a *estrada real*, e seguindo hum *atalho*, que fica á esquerda, vai-se a *Confidencia*, pequeno lugar no fundo de hum bosque, cujo accesso é algum tanto difficil. Os seus habitantes são tão acautelados, que até se confessão reciprocamente *huns aos outros*.

De *Confidencia*, vai-se a *Empreherader*, villa consideravel, cujos habitantes são bastantemente atrevidos. Perto desta villa havia antigamente hum castelo assaz bem fortificado, chamado *Resistencia*, potem as continuas guerras o tem de alguma forma arruinado.

De *Empreherader*, vai-se com algum trabalho a huma agradável *cidade*, chamada *Posse*, que é como a capital da provincia. De todas as cidades do reino do amor, esta é a que offerece o aspecto mais aprazível por estar toda rodeada de jardins, e labyrinthos, construidos tão engenhosamente que entrando nelles, por maior que seja a companhia, insensivelmente se acha dividida em *páres*.

De *Posse*, vai-se por huma estrada toda guardada de rosas, até *Saciedade*, cidade populosa, e pouco distante. Aqui os viveres são em grande abundancia, e summamente baratos: porem o ar do paiz, é tão pouco sadio, que tira inteiramente o *appetite*.

De *Saciedade*. vai-se a *Indifferença*, villa que só tem huma rua, porem mui comprida

Aqui todos se nomêão, simplesmente, pelo seu nome do baptismo havendo-se annullado para sempre, por hum antigo artigo da constituição daquelle paiz, todos os *titulos, sobrenomes, epithetos e denominações*, taes como *meu charo, meu rico, minha chara, minha rica, meu bem meu amorzinho*, etc etc etc

De *Indifferença*, vai se pela *posta a Despreso*, porto de mar sobre a costa, e d'ali a *Abandono e Esquecimento*, duas ilhas que ficão fronteiras, e mui proximas huma da outra, donde cada hum segue a direcção que lhe convem.

A cápital deste famigerado paiz, é huma celebrada cidade quasi deserta, chamada *Amor Perfeito*, situada no interior do reino sobre huma alta montanha tão aspera e elevada, que ninguem lá pode subir em carruagem, nem a cavallo; e, ainda mesmo a pé, é sumamente difficil, e por isso é rarissimo o viajante que se resolve a vizita-la. E' porem sabido que dalli ao paraizo celestial apenas ha a pequena distancia de tres quartos de legua, estando-se assim em correspondencia diaria com os bemaventurados.

o HOMEM DE QUATRO MULHERES.

Hum cirurgião havia casado da idade de vinte e cinco annos com huma mulher muito rica, e tendo vivido com ella apenas tres annos, a deixou e foi residir para Napoles, onde segunda vez casou com huma mulher que tinha dez mil cruzados de dote e muito má fama. Pouco mais viveu com esta do que com a primeira; e depois de lhe ter consumido até o ultimo real retirou-se para Veneza, onde conseguiu fazer-se amar da viuva de hum negociante muito

rico, com quem casou, e a quem poucos mezes depois abandonou, roubando-lhe quanto pôde e fugindo para Roma. Mudando tambem aqui de nome, como havia feito por toda a parte, começou a inculcar-se como hum medico de muita fama, e teve a habilidade de ajustar dentro em poucos dias, o seu quarto casamento com huma mulher que lhe trazia de dote trinta mil cruzados. Vio-se, porém, o bom do nosso homem retido na carreira progressiva que tão *brilantemente* havia encetado, por que a viuva do negociante de Veneza, que tivera alguns indicios da sua direcção, o veio seguindo a Roma, e quiz a sorte que entrasse na igreja onde o seu fugitivo recebia das mãos do parcho a sua quarta mulher. Justamente irritada de tão criminoso proceder, o foi denunciar ao governador de Roma, que fez conduzir para a prisão o infatigavel esposo quando estava para entrar no quarto thalamo nupcial.

Esta aventura singular chegou á noticia de Xisto V, e despertou no Pontifice o desejo de interrogar pessoalmente o réo. — Santissimo padre, respondeu elle eu confesso que, tendo casado com a minha primeira mulher sem ter della perfeito conhecimento, me vi obrigado a abandonalla por causa de seu má genio: deixei tambem a segunda porque seus vicios me ouvergonhavao: os caprichos da terceira me desgostáao a ponto de me ver obrigado a fugir lhe, e posto que ainda não conheço a quarta cuido que tambem a não conservarei por muito tempo. — O Pontifice lhe respondeo rindo-se: — Então, visto não ser possivel encontrar neste mundo huma mulher que

vos sirva, bom será que vades procura-la no outro mundo. — E ordenou ao governador de Roma que mandasse enforcar este homem, a quem, se continuasse a viver alguns annos, seguramente não bastaria todas as mulheres do universo.

O CAVALLO NO CAMPANARIO.

O tempo era aspero, e rude o clima da Polonia. Viajando eu em tão neste paiz entre huma epoca, e huma temperatura tão desagradaveis, vi hum pobre velho deitado n'huma planicie onde soprava hum vento gelado.

Qual seria a angustia deste miseravel abandonado, transido de frio, tendo apenas com que cobrir sua nudez! Este espectaculo me inspirou profunda compaixão; fiz, pois, o meu capote de viagem e não obstante o risco de me gelar o proprio coração cobri o corpo do infeliz velho. De repente huma voz retinio nos meus ouvidos louvando por huma maneira singular a minha caridade dizendo: meu filho, os diabos me levem se a tua acção ficar sem recompensa. Muito bem, disse eu comigo mesmo.

Continuei a minha viagem até que a obscuridade da noite me surpredeu. Porém, por mais que olhasse em torno de mim por mais que escutasse com toda a attenção, nem huma aldeã, nem huma só choupana parecia proxima ou distante. O paiz estava totalmente encoberto pela neve que me não deixava atingar com camião algum. Que farei agora? perguntava eu a mim mesmo. Morro de fadiga apececi-me, e prendi o meu cavallo a

huma especie de tronco, cuja ponta sobresalia á neve; para segurança metti as pistolas debaixo do braço e deitei-me no gelo. Logo dormi tão tranquillo, que só abri os olhos quando o dia já tinha nascido.

Mas qual fô a minha admiracão achando-me no meio de huma aldeã, e deitado num cemiterio! O lho em roda de mim procurava o meu cavallo; porém não o achou. Então fiquei extremamente attonito: mas ouvindo por cima de mim hum som prolongado, e surdo, levanto a cabeça, e vejo o meu cavallo preso no alto da torre da igreja.

Que diabo! disse eu batendo com as mãos na cabeça. Porém, logo comprehendí a causa deste singular acontecimento. A aldeã tinha sido inteiramente coberta de neve, a qual durante a noite subitamente se derreteo, de sorte que em quanto dormi, fui pouco a pouco descendendo á medida que a neve se derretia. O tronco, que na obscuridade se me havia figurado apontar fóra do gelo, era com effeito a cruz do campanario da igreja. Sem me demorar com longos expedientes faço pontaria ás redeas com a minha pistola, e desapareci. (Traducção)

HUM TRACÃO DOS COSTUMES ARABES.

Mr. de Lamartine trouxe do Oriente huma collecção de notas escriptas por hum Arabe chamado Fatali Sayeghir, em quanto acompanhava hum agente que Napoleão encarregára de explorar as tribus da Mesopotamia e do Euphrates, para lhe preparar hum caminho para a India a travez da Asia. Esta collecção está cheia de aneddotas, de aventuras, de explicações sobre costumes de factos importantes

para a sciencia a geographia e a politica, que dão á sua leitura o mais vivo interesse. Entre outras provas que poderíamos indicar a nossos leitores, parece-nos que a narração que segue será para elles huma revelação das mais curiosas sobre o espirito, e indole dos Arabes

Havia em huma tribu huma egoa tão famosa, que huma arabe de outra tribu, chamado Daher, tinha enlouquecido de desejo de possuil-a. Tendo de balde offerecido em troco della seus camellos e toda a sua opulencia, imaginou tingir a cara com succos de ervas, cobrir-se de andrajos, e pôr ataduras ao pescoço e ás pernas: a modo de hum mendigo estropiado e ir assim esperar por Nabec, dono da egoa em hum atalho por que devia passar. Quando este chegou Daher disse-lhe com voz sumida: — Sou hum pobre estrangeiro, ha tres dias que não posso sair daqui para buscar alimento vou morrendo, vai-me, e Deos vos dará o pago.

Nabec propoz-lhe toma-lo á garupa e leva-lo para casa; mas o astucioso respondeu-lhe:

— Não me posso levantar daqui não tenho forças.

O outro, cheio de compaixão, apeou-se fez chegar a egoa, e com grande custo collocou-o em cima della. Apenas vio-se montado, Daher deu de escaultares, e partio, dizendo-lhe:

— Sou eu Daher quem a tomei e quem a leva.

O dono da egoa bradou-lhe que passasse: certo que não poderia ser perseguido, elle virou-se e parou em pouca distancia, porque Nabec estava armado com sua lança. Este lhe disse:

— Tomaste minha egoa. Já que assim o quer Deos desejo-te mil prosperidades; conjuro-te porem que a ninguém digas como a alcançaste.

— E porque? perguntou Daher.

— Porque qualquer outro, tomou Nabec, poderia estar realmente ne-

cessitado e não achar soccorro. Serás tu causa de ninguem fazer mais hum unico acto de caridade, com receio de ser logrado como eu fui.

Movido por essas palavras, Daher reflectio, apeou-se, entregou a egoa a seu dono abraçando-o Acompanhou-o depois até á sua barraca, em que ficaram tres dias juntos, e jurarão fraternidade.

O CAMINHANTE.

— Em quanto tempo poderia chegar á mais proxima aldéa? perguntou hum caminhante a Esopo.

— Andai! lhe disse este.

— Eu bem sei replicou o caminhante, que é preciso andar para lá chegar; mas dizei-me em quantas horas poderei chegar?

— Andai, replicou Esopo.

— És hum tolo, balbuciou o estrangeiro, nada mais quero perguntar-te: e dizendo isto continuou seu caminho. — O meu amigo, exclamou Esopo, em duas horas podereis lá chegar.

O caminhante pára admirado, e lhe disse:

— Estás caçoando comigo? Pois ainda ha pouco não sabias, e agora já o sabes?

— Ah! como vos poderia asseverar, respondeo Esopo, antes de ver se andaveis depressa ou de vagar?

HUM MAROMBISTA.

No Domingo de Pascoa do anno de 1245, subio ao pulpito o Cura de S. Germain l' Auxerrois em Paris, e declarou que o Papa (Innocencio IV) queria que, em toda a Christandade, se denunciasse, como

excomungado, o Imperador Frederico II., Ignoro, accrescenton o Cura qual seja o motivo de semelhante excommunhão; o que sei é que o Imperador e o Papa declararão guerra de morte hum ao outro. — Não sei tão pouco qual delles tem razão; mas, tanto quanto cabe na minha alçada, excommungo aquelle que a não tiver, e absolvo o outro. ,, Frederico, a quem contárão a aneçdota, mandou varios presentes ao Cura; que era, sem contradicção, isto a que nós hoje chamamos *marombista*.

ACONTECIMENTO DESASTROSO.

O sr. D. Rodrigues, hespanhol de grande distincção, e membro influente das cortes, era casado ha poucos annos com huma linda, javeo e encantadora senhora de Sevilha. Mutuamente se amavão, e entretanto elle imprimia nas suas paixões todo o fogo de sua natureza impetuosa. Desde os primeiros mezes do seu casamento, seu ciuume se revelon por meio de terriveis exaltamentos; a sua esposa porem de hum caracter melancolico, e que sinceramente amava a seu marido, sabia tranquilisal-o com caricias, e com a extrema reserva que se impunha, e por tal sorte que, exceptuando as pessoas de familia, ninguem mais suspeitava que D. Rodrigues fosse tao ciumento. Partem ambos para Madrid, para a abertura da sessão das cortes; e apenas chegados á capital, immediatamente se reaccende o ciuume de D. Rodrigues pela muita festa que fazem á sua esposa. Ella quiz por tanto acalual-o, e renuncion ao prazer de ir aos divertimentos publicos

o ás sociedades: não pôte porem esquivar-se ao convite de hum baile, que preparava D. Vinadores e o proprio marido aceiton o com prazer. Nesse baile deviao-se reunir todas as notabilidades da Hespanha constitucional.

Nesse mesmo dia do baile, chegou a Madrid o cunhado de D. Rodrigues, que era official sob o commando do general Espartero. Este joven, desesperado pela tristeza de sua irmã, e tendo vindo no conhecimento d'ella, tencionou dar humba lição a seu cunhado. Foi ao baile de D. Vinadores.

Estava D. Rodrigues encostado a huma porta, por detraz de sua esposa, a vê-la dançar em huma quadrilha. Chegou-se para elle huma personagem mascarada e lhe disse, batendo-lhe no hombro. — Então, D. Rodrigues, és sempre ciumento? — Não por tua causa, lhe responle D. Rodrigues. — Pois obras mal, por que tua mulher é bella, e eu a amo. — Tanto peor para ti. — E's bem basofio, D. Rodrigues. — Basta de inepcias, disse-lhe este, já meio incommodado pela conversa. — Pois eu amo tua mulher, continúa o mascarado, e sou por ella amado e se queres huma prova d'isso, olha para aquella violeta, que lhe repousa sobre o peito direito; fui eu quem lh'a dei... — Apenas havia dito o desconhecido estas palavras, que D. Rodrigues desesperado, agarra-o pelo braço, e grita-lhe com hum furor concentrado. — Em hum quarto de hora vem a minha casa, que é preciso que hum de nós perca a vida — a tua ou a minha. —

Acabava n'este momento a contadaça, e D. Rodrigues sem des

morra deo o braço a sua mulher, e partio desesperadamente. A pobre senhora como huma victima resignada, o segue. Chegão a casa, e D. Rodrigues, ás escuras mesmo, tendo a sempre a seu braço, abre a secretaria, arranca huma pistola e sem que ella possa nada suspeitar, lha descarrega sobre o peitol... Ella cahio banhada no seu sangue!.

O estrondo do tiro fez acudir os creados com luzes, entre elles estava a personagem mascarada do baile, que os havia acompanhado, já arrependido do que fizera, e temendo algum desastre causado por sua imprudencia. Apenas o avista D. Rodrigues, corre a elle, e lhe diz — Agora que hua de nós morra! — O desconhecido exhala hum gemido; faz-se conhecer. — Era o irmão da victima!

Desde esse tempo D. Rodrigues cahio em huma melancolia terrivel; e tem momentos de alienação mental e de furores.

LOGOGRIPO.

A minha primeira em terra
E' pouca; vezes usada,
Mas no mar, pelo contrario,
E' quasi sempre lembrada.

A primeira com a segunda
Nada tem de lentidão;
E' veloz, é expedita,
Nunca soffre dilação.

A segunda repetida
E' doença mui vulgar.
Mas que ás aves tao sómente
Tem por costume affectar.

Se hum insecto queres vêr
Cantador e mui sagaz
Hum — l — junta á primeira,
E poem a terceira atraz.

A terceira com a quarta
Foi em Veneza inventado;
E' á imprensa pertencente,
Porem hoje pouco usado.

A quarta com a segunda
Já foi tido por sagrado,
E por virgens cuidadosas
Noite e dia alimentado.

Se quando compras o pão
O hom queres escolher,
Minha quarta repetida
Te dirá qual ha de ser.

No todo do logographo
Certo mysterio has de achar;
Mas se agudeza tiveres
Bem o podes penetrar.

J. J. V.

Tendo sido publicada a 1.^a charada do numero antecedente com hum notavel engano que terá dificultado a sua decifração, novamente a publicamos a pedido do seu autor, que não teve parte no mesmo engano; e sin hum dos compositores da typographia, ou, para sormos mais exactos, o corrector das *provas*, que, posto muita cousa corrija, não pôde ainda corrigir o defeito de fazer este trabalho com mais promptidão que elle permite.

CHARADA.

No latim substantivo,
Que é nome de hum membro nobre,
Em portuguez substantivo,
Que de expressão tudo cobre.

Para si ninguém me faz;
Quem me faz não me dezeja;
Deste affecto é só capaz
Coração que nobre seja.

Eu existo no Brazil,
E de pedra sou formado,
Nao hayendo quem ignore
Hum nome que é tao fallado. B. P. A.

A 2.^a charada do n. 18, é — sorriso.